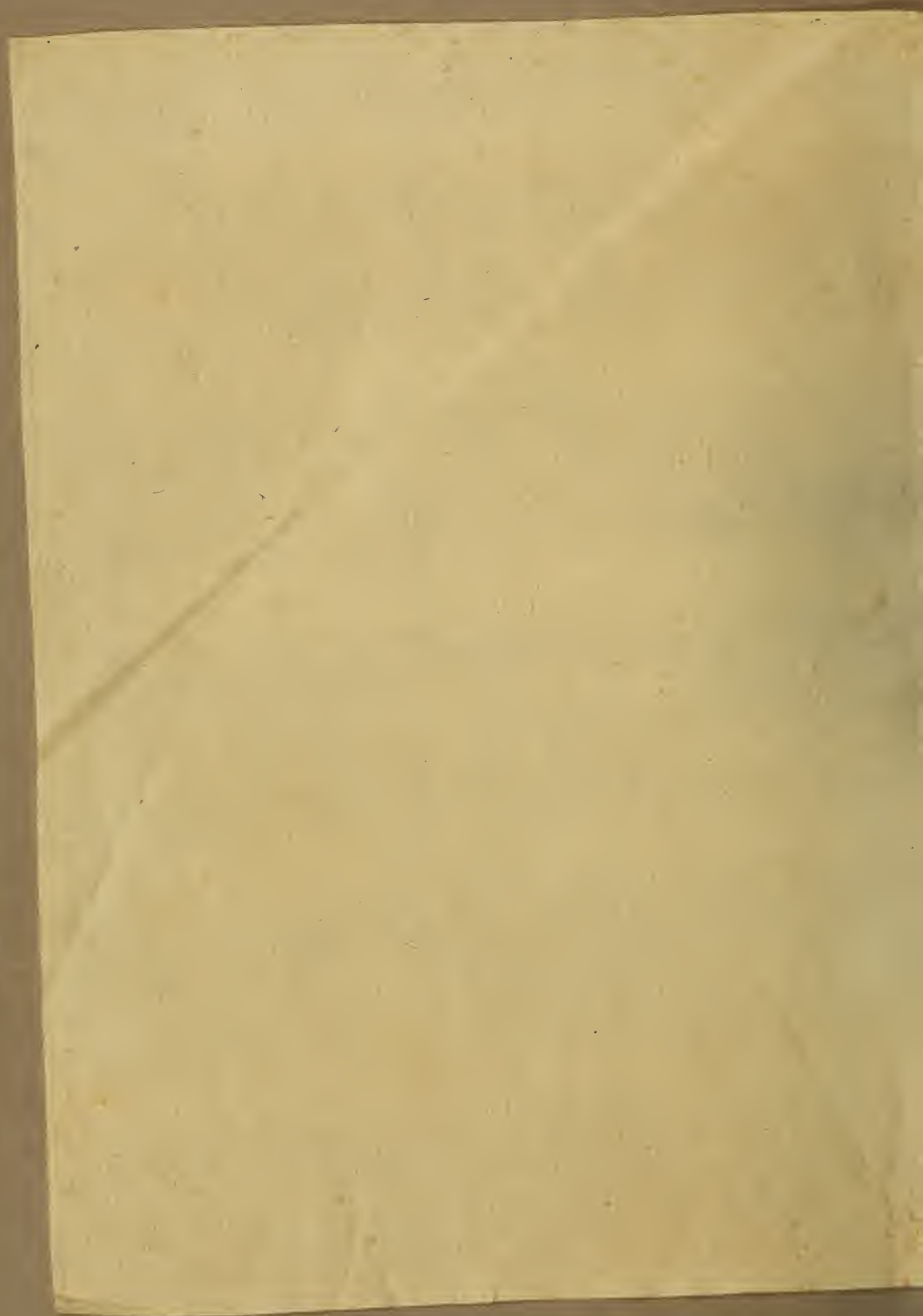


P.A. VIEIRA
RETHORICA SAGADA

LISBOA 1245



RHETORICA SAGRADA,
O U
ARTE DE PREGAR

Novamente descoberta entre outros fragmentos Literarios
DO GRANDE

P. ANTONIO VIEIRA
da Companhia de JESUS

Dedicada

Ao Muito Reverendo Senhor Doutor

JOZE CALDEYRA;

Presbytero do habito de S. Pedro, e Protonotario Apostolico de sua Santidade do numero participantio, Juiz no Tribunal da Legacia, e professo na Ordem de Christo, Ouvidor na Real Igreja de N. Senhora da Conceçam da mesma Ordem, Beneficiado perpetuo da Parochial Igreja de N. Senhora da Purificaçao do Lugar de Sacavem, e Juiz Conservador Apostolico do Convento dos Religiosos Arrabidos da Serra de Cintra,

EDADA A' LUZ

Para utilidade do Tyrocinio dos Pregadores

P O R

GUILHERME JOZE'
DE CARVALHO BANDEIRA,

Notario Apostolico, e Tabaliao publico de Sua Santidade.



L I S B O A.

Na Officina de LUIZ JOZE' CORREA LEMOS.

Anno do Senhor M. DCCXLV.

Com todas as licenças necessarias.

Da Livraria de S. João de P.

THE NEW YORK
LIBRARY

ASTOR LENOX
TILDEN FOUNDATION

100 N. 5TH ST.
NEW YORK, N.Y.

1891

1891

1891

PRICE



331

DEDICATORIA.

AO M. R. SENHOR DOUTOR
JOZE' CALDEYRA, &c.



CC, AÕ he propria; de quem acha huma
pedra brilhante, recorrer ao Contraste para sa-
ber a sua especie, a sua qualidade, e o seu va-
lor;

lor; e isto he o mesmo, que agora faço, pondo nas mãos de Vm. esta, que a minha inercia me deixa só inferir que he preciosa; por ser tirada de hum mina, de que sabiraõ muitas de grande preço. Bastaria, para que o desta fosse muy subido, conhecer-se, que he producção legitima do Grande Padre Antonio Vieira, que em todos os seculos será Grande. Assim se me tem assegurado, e assim parece que o inculcão o seu estilo elegante, conciso, e claro, e a empresa de reduzir a methodo tam breve materia tam vasta; porém se Vm. faz digno da sua aceitação este meu obsequio, todas estas inferencias chegarão a ser provas de haver sido esta obra do engenho de Autor tam preclaro; porque do mesmo modo, que todos reputam por preciosos os brilhantes falsos, de que algum Principe quíz fazer uso para o seu ornato; todos os que virem, que hum Prègador tam douto, e tam egregio, he o Mecenas da sua impressão, a avaliarão em muito.

Larga materia me offereciaõ agora as relevantes virtudes, e as nobres circumstancias, que adornam e fazem tam distinta a pessoa de Vm. para nella laurar hum dilatado Panegyrico, se o meu engenho o soubera fazer, e o nam repugnàra a sua modestia. E que excellencias nam poderia eu referir da elegancia das suas frases, da pure-

za do seu dialecto, da energia da sua eloquência, do conciso dos seus periodos, da delicadeza dos seus pensamentos, da genuidade das suas provas! Porém fique reservado este aplauso, aos que admirão praticada toda esta conduplicação de excellencias nos seus doutissimos discursos, que sam todos, os que ouvem os seus Sermoes. Sam estes taes, que nem o mayor hyperbole do seu louvor pôde parecer a ninguem exaggeração; e seria cançar-me em persuadir, que o Sol he claro, se emprendesse mostrar, quanto brilhou nas cadeiras das Academias o seu engenho, quanto luziu nas Escolas o seu estudo, quanto resplandeceu nos pulpitos a sua sciencia. Mas quando Vm. não receba esta obra com a condigão de a proteger, concedame sempre a honra de a aceitar, considerando-a huma pequena oblação, que lhe consagra o meu affecto; que huma offerta, ainda que pequena, sempre avulta muyto nos animos grandes, quando atendem á sincera, e affectuosa candidez do que a faz, Deos guarde a pessoa de Vm. muitos annos.

O mais obrigado

a Vm.

Guilherme Jozé de Carvalho Bandeira.

LICENÇAS

DO SANTO OFFÍCIO.

EMINENTÍSSIMO SENHOR:

A Arte de prégar composta por aquelle Prégador, que se levantou no mundo com o glorioso titulo de Mestre dos Prégadores, tem a mesma authoridade, que teria a Arte de militar, se a compozesse Marte; a de pintar, se a ideasse Apelles; e a de cantar, se a ordenasse Apollo: porque este Prégador foi no pulpito como Marte na campanha, como Apelles no pincel, e como Apollo na Musica; porisso tanto que levantei os olhos para a fachada deste pequeno volume com animo de Censor, logo os abati cõ respeito de Discipulo. Descobrio-se (diz o venturoso Inventor deste thesouro, que podendo retelo para si com mão avara, o quer communicar a todos com animo generoso) descobrio-se entre outros fragmentos literarios do Padre Antonio Vieira. Não diz, se se descobrio a cazo, como o do Evangelho; mas se não ha acazos para a sabia Providencia, podemos ajuizar, que quem manda o seu cristal como fragmentos: *Mittit cristallum suam sicut fragmenta*, dos escritos deste famoso Varaõ, nos quais até os fragmentos são cristalinos pelo claro, pelo luzido, e puro, nos mandou este para nos servir de espelho, a que possessemos compor, e ornar com elegancia os sagrados Panegyricos. A certeza, que o Inventor tem do Author desta obra, segundo elle affirma na sua

Psal.
147.
v. 6.
juxt.
vert.
chat.

sua Dedicatoria , não he tanta , que lhe não deixe alguma vacillação. Será porque quem fóra da sua expectação descobre alguma perola de excessivo valor , ainda depois de a achar não acaba de o crer; mas se cotejarmos esta Arte de prégar com os quatorze tomos dos seus Sermões , que já logramos impressos , e observarmos que a energia, com que aqui se propoem os preceitos , he a mesma , com que ali se praticação ; e que a clareza , com que aqui se nos ensinao as regras , he a mesma , com que ali se produzem os exemplos , não ficará duvida , que possa diminuirnos o gosto , e estimação da obra. Nada contem contra a pureza da fé , ou dos costumes , e assim he dignissima de sahir a luz , para que Portugal , e mais que Portugal a esclarecida, excelsa, e sublime Companhia de JESUS novamente se deleite nas illustres memorias deste incomparavel Filho. Este o meu parecer. V. Eminencia mandará o que for servido. S. Domingos de Lisboa 16. de Setembro de 1743.

Fr. Francisco de Santo Thomàs.

Vista a informação, póde imprimirse o papel intitulado Rhetorica Sagrada, ou Arte de Prégar; e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra , sem a qual não correrá. Lisboa 16. de Setembro de 1743.

*Fr. R. Alencastre. Teixeira. Silva. Soares.
Abreu. Amaral.*

DO

DO ORDINARIO.

EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR:

VI, como V. Eminencia me ordenou, a Rhetorica Sagrada, ou Arte de Orar, que quer dar á luz Guilherme Jozé de Carvalho Bandeira, e não posso deixar de não dizer a V. Excellencia, o quanto lhe deverá o publico, por fazer patente a todos hum thesouro tão precioso, como elle, de que se podem, e devem aproveitar, os que dezejaão ser bons, e grandes Oraoões; porque ainda que a natureza a ninguem negou a sua Rhetorica, ella com a arte se faz mais excellente. Se o verdadeiro Autor desta obra he o Padre Antonio Vieira, nem o que a publica, nem eu sabemos infallivelmente que he sua; mas também não duvido que o seja, attendendo á sua excellencia, e clareza; porque o Padre Antonio Vieira fugindo sempre do estylo tenebrozo, confuzo, e implexo, uo co diffic. tão elevada, e tão claramente, que entre os dotes, que o fizeram singular, póde ser problema, se este he o mayor.

Tudo nesta Arte está disposto com summa, e com douda brevidade, mas sem faltar ao essencial; e como he sagrada, quasi todos os exemplos são tirados dos melhores Padres da Igreja. E por não achar neste Tratado cousa alguma contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes, me parece digno da licença para se imprimir. Lisboa nesta Casa de N. Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares 26. de Setembro de 1743.

D. Jozé Barboza C. R.

Vista a informação, pode-se imprimir o livro, de que trata a Petição, e depois de impresso torne para se dar licença para correr. Lisboa 23. de Setembro de 1743.

Mello.

D O P A C, O.

JESUS, JOZE', MARIA IMMACULADA

SENHOR:

A Censura mais sévêra, e a approvação mais judiciousa de ser esta *Rhetorica sagrada*, ou *Arte de pregar*, que venturosamente descobrio Guilherme José de Carvalho Bandeira, pura, e immaculada, no que respeita á Fé, e bons costumes, e em tudo conforme ás catholicas determinações dos Reaes Decretos de V. Magestade, he o acharse (mysteriosamente conservada para a sua averiguação) entre outros Escritos do Principe dos Prégadores o Padre Antonio Vieira, vassallo o mais empenhado nos interesses politicos da Lusitana Monarquia, e o Filho mais zelozos dos augmentos orthodoxos da Igreja Romana. Sem que obste ao credito de ser sua, o não se ler nella escrito o seu nome. Bem advirto, Senhor, que esta falta deu occasião a que o erudito Inventor deste Theouro litterario temesse, com amor á

**

ver-

verdade, de totalmente lha attribuir ; porém eu, com affecto á propria verdade, sem a minima hesitação digo, que absolutamente se lhe deve adjudicar. Porque se os Theologos, e Jurisconsultos asseveraõ, que as conjecturas, e presumpções racionaveis, e verisimeis, saõ vestigio da verdade, e a mesma verdade manifesta, de tal fórte, que sendo esta objecto necessario do juramento, affirmão, que com a certeza moral, que resulta das verisimeis, e racionaveis presumpções, e conjecturas, se póde, e deve jurar sem perigo de perjuro, tambem eu affirmo, e assevero, que sem receyo de faltar á verdade, antes por credito della, se deve esta eloquente Rhetorica sagrada adjudicar ao omniscio Vieira, escrevendo-se no frontispicio o seu nome sem addito, ou nota de duvida ; pois as conjecturas, e presumpções, que persuadem a certeza moral, de que he composiçaõ sua, saõ as mais verisimeis, e racionaveis. Muitas descobriraõ, e ponderáraõ já os dous sapientissimos Censores: a identidade omnimoda entre esta Arte de prégar, e as Evangelicas prégações do seu Author, lendo-se nellas praticados os preceitos, e produzidos os exemplos com a propria elegancia, e energia, com que os ensina nas regras desta sua Rhetorica Sagrada: e a excellencia, com que as propoem, fugindo do tenebrozo, do confuzo, e do implexo, que he aquella innata, e elevada clareza, que se admira na contextura dos seus Apostolicos Sermões. A's quaes acrescêto a obrigação, que o Padre Antonio Vieira, como Mestre dos Prégadores, tinha de fazer huma Arte

te da sua Rhetorica Sagrada, em que ensinasse os outros Prégadores a prégar, como elle prégon. Lembrando-me daquella profunda ponderação, que o mesmo Padre Antonio Vieira em hum Sermão de Santo Antonio de Lisboa, a quem sempre se-^{Serm.} guio, como norte fixo nos pregressos das suas ^{V. da} virtudes, e nos frutos das suas Missões, fez ^{2.º p.º} a respeito dos primeiros Lusitanos, Explorado-^{V. II.} res da conquista da India, dizendo: „ Que ^{150.} „mareavaõ sem carta, porque haviaõ de fazer a „carta de marear. Navegavaõ por novos mares, „por novos climas, com ventos novos, com „Ceos novos, e com estrellas novas: mas nunca „perdeão o tino, nem a derrota, porque Deos „mandava a via. Isto he, lhes inspirava a nova Carta de navegar, que elles deviaõ fazer. Assim os primeiros Portuguezes na Conquista da India, para serem seguidos de todas as Nações com pasmo de todo o mundo. E assim com assombro de todo o universo litterario, para ser imitado de todos os Prégadores, o insigne Portuguez Vieira na Conquista das Almas, prégando com novos Tropos, com novas Figuras, com novas idéas, com novos Discursos, com novos Conceitos, em summa, com huma nova Rhetorica superiormente inspirada, quando (como se lê na sua vida) por intercessão de MARIA Santissima lhe foi removida do entendimento huma espessa sombra, deixando-o illustrado para a profunda penetração das ciencias Divinas, e humanas; sem que em alguma das suas Oraçoens tanto asceticas, como panegyricas, perdesse o tino, ou o delicadissimo fio da sua illustração. E porque da grande virtude do Padre Antonio

Antonio Vieira se não deve presumir, que faltasse á obrigação de fazer huma nova Arte do seu novo estylo de prégar para utilidade commua da Igreja; consequentemente se não póde duvidar ser ella esta Rhetorica sagrada, tão coherente em todos os seus scientificos preceitos, com os q̃ lemos praticados nos seus eloquentissimos Sermões; conservada por especial providencia entre os seus Escritos, para que se não duvidasse da sua veracidade pela falta do seu nome. Supposta pois, Senhor, esta certeza moral, que não póde ser mais qualificada, só me resta render hum eterno agradecimento ao seu felicissimo Inventor, pelo beneficio de communicar ao publico tão precioso Thesouro; e pedir instantemente a V. Mag. lhe conceda a licença, que pertende, para a imprimir. De cuja impressão resultará huma immortal gloria a esta sempre erudita Monarquia Portugueza; porque se os Vassallos de V. Magestade justamente arrogão a si o Magisterio da Oratoria em todas as Monarquias Catholicas, com o uso desta nova, e peregrina Arte lhes administraráo novas, e peregrinas instrucçoens. Este o meu parecer. V. Magestade mandará o que for servido. Neste Real Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa 14. de Outubro de 1743. *Fr. Manoel de São Damazo.*

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Meza para se conferir, e taxar, e dar licença para que corra, e sem isso não correrá. Lisboa 17. de Outubro de 1743.

Pereira. Teixeyra. Vas de Carvalho.

Ars Rhetorica discertissimi Patris
 Antonii Vieira Soc. Jesu post ejus
 obitum luce publica donatur.

EPIGRAMMA:

QUI sæpe eloquio mores instruxerat antè,
 Apta quidem eloquio nunc documenta dabit,
 Ora filere priùs, dum fatur, cætera cogit:
 Conticuit, scriptis ora diserta facit.

D. V. M. C. R.

*Ao Sapientissimo P. M. Antonio Vieira da Com-
panhia de JESUS, compondo a Arte de
Rhetorica.*

ROMANCE ENDECASYLLABO.

A Mam tremula, a penna suspendida,
Affustado o papél, prezo o discurso,
Qual respeito introduz esta discordia,
Que faz de covardia o ardor tumulto!
Aquelle, aquelle heróe famigerado,
Cuja penetração, e engenho agudo,
Dos hyperboles foram vencimento,
Embaraçou dos votos todo o uso.
Nani remontado pois, porém humilde,
Este obsequio á memoria lhe tributo,
Que essa soberba tem a sua Fama,
Que encolhe as azas, que as não toque o vulgo.
Grande Vieira, eximio Jesuita,
Oraculo Catholico do mundo,
Quem se prostra humilhado á vossa penna,
Já tem de vos louvar bastante estudo.
Ao dobrar do papel foy o jiolho
Obrando o mesmo com motivo justo,
Que vossos elogios não se emprendem,
Sem que da obrigação se faça culto.
Este repito a vosso magisterio,
Na sagrada Rhetorica fecundo,
Em que expondo o systema predicavel
Basta a veneração para concurso.

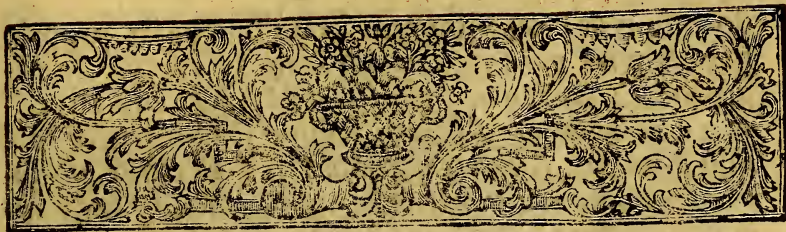
Nem

Nem os preceitos dando a vossa penna
 Permite copiar o seu transumpto,
 De modo que perfeita estando a Arte,
 Na mesma luz imprime o seu rebuço.
 Porisso a ter defeito hum lhe advertira,
 Quem segue ao Mestre ir por outro rumo,
 Pois na mesma instrucção oculto o arcano,
 Para a igualdade só anima o impulso.
 Porém da Arte vossa invento he sabio
 Não fazer eloquentes, mas sim mudos;
 Parece mais martyrio, que respeito,
 O dictame periodo do susto.
 Logo arguirse-ha ser escuzada
 Arte, de que se tira pouco fruto,
 Como se dos milagres a existencia
 Sendo primor se promettesse indulto.
 Tal Arte não instrue, porém refere,
 Donde pode chegar aquelle Tullio,
 Que escrevendo elegante para todos,
 Nenhum para o seguir deixou de muitos.
 Não a faz isto menos estimada,
 Antes da admiração mais pule o vulto,
 De rubrica servir-lhe para o texto
 O decoro, presagio do consumo.
 A Arte deste sabio excede a Historia,
 Pois nem deixa esperanza do futuro;
 Só por elle se viu executada,
 Não fica por liçam, por testemunho.
 Huma das molas foy daquella chave,
 Com que abriu os profeticos annuncios,
 E que torcida pela dura Parca
 Sepultou o immortal como caduco.

Arte

Arte emfim nos volumes estampada,
Polidos igualmente, que profundos,
Em que ou Politico, ou Escurituario,
O sublime foy baze do inconcusso.
Fique da adoração por simulacro
Taõ primoroso posthumo producto,
Pois naõ menos na sorte se remonta,
Quem nos pés beija as azas á Mercurio.

Bráz Jozè Rebello Leyte, Presbytero Secular.



RHETÓRICA SAGRADA, O U ARTE DE PRÉGAR.



RHETÓRICA, segundo a define Aristoteles *lib. de Rhetoric. cap. 20. Est ars de quacumque re prudenter, ornateque dicendi*; e assim necessita o Orador de saber os principios das artes, e sciencias, de cujos termos se ha de valer para orar.

Na Rhetórica se incluem duas cousas, materia, e partes della. A materia, ou genero da Rhetórica entre os Oradores antigos, assim Latinos, como Gregos, se divide em quatro braços, que chamavaõ generos.

<i>Demonstrativo,</i>	<i>Deliberativo,</i>
<i>Judicial,</i>	<i>Didascalico.</i>
O genero <i>Demonstrativo</i> tem por acto adequa-	
A	do

do o louvor , ou vitupério , este tem lugar proprio nos Sermões panegyricos dos Santos , em que se engrandece a paciencia , v. gr. do Martyr , e se vitupera a crueldade do Tyrano , assim o fez Santo Agostinho *Tom. 20. Serm. 44 de Sanctis: In cujus glorioso agone duo nobis præcipuè consideranda sunt: indurata videlicet tortoris sævitia , & martyris inviolata patientia.*

O genero *Deliberativo* tem por acto o persuadir , e dissuadir : e este tem seu lugar nos Sermões de tempo , em que se persuadem as virtudes , e reprehendem os vicios.

O genero *Judicial* tem por acto o defender , ou acusar , como costumavaõ os Romanos no Senado , e tantas vezes executou com acerto Marco Tullio , como se vê nas suas obras.

O genero *Didascalico* , que inventou Ermagoras Orador Grego , tem por acto o propôr alguma questãõ para resolver a parte mais provavel , v. gr. Controverter , em que consiste a nobreza do Sol ? Quem fórma o candôr da via lactea no Ceo ? Este genero mais parentesco tem com a cadeira , que com o pulpito ; mas pôde usar-se delle com a moderaçãõ , que diremos.

Fuizo dos quatro generos.

NO genero *Demonstrativo* , ou panegyrico de hum Santo , se pôdem usar todos os generos de louvar , persuadir , defender , e disputar ; mas com tal advertencia , que todos os generos se subalternem , e suguitem ao *Demonstrativo* , que he o que tem por seu o campo da oraçãõ , e assim a persuasãõ , a defeza , e a disputa haõ sempre de conduzir , e inclinar

clinar para o mayor louvor da pessoa. Explico-me : Na Oração panegyrica de S. Francisco se póde fazer huma breve digressão da sua caridade ; persuadindo a imitação ; nem estas digressões são contra o fim do panegyrico , antes conduzem para o fim , que tem a Rhetórica , que he ensinar , persuadir , e mover : este documento he de *Cicero* , *Seneca* , e *Santo Agostinho*. *Cicer. de optim. gener. Orator.*

S. Gregorio Magno põem exemplo em hum rio com concavidade de válles, aonde defagua com brandura a sua corrente, entra com suave digressão por seus seysos, sem perder o caminho principal : *Sacri tractator eloquii morem fluminis debet imitari.* Tambem póde usar do genero *Judicial* armando huma invectiva contra o Mundo, e acusando-o de cego, por não haver conhecido os merecimentos de S. Francisco ; pois o Mundo despreza o pobre, o humilde, e o chagado, partes, que se acháráo primeiro em Christo, causa, porque o Mundo o desconheceu por Senhor : *Et mundus eum non cognovit* ; e será huma invectiva judicial muy agradavel provar, que por pobre, chagado, e humilde, devia o Mundo conhecêllo, e prezállo ; e neste mesmo tempo se executaõ os dous actos do genero judicial ; que he acusar, e defender ; acusar o Mundo, e defender o Santo.

O genero *Didascalico* se póde usar subalternando-o ao *Demonstrativo*, propondo huma questãõ, v. gr. Christo se chama a pedra mais profunda, e mais alta do edificio ; suposto isto, se disputa, que pedra preciosa destas mostrou mais luz em S. Francisco ; a humildade, ou a caridade. E se póde formar o Sermaõ todo de argumentos por parte da caridade, e humildade, ponderando varios successos da vida do

Santo, e explicando nesta disputa os actos mais nobres de huma, e outra virtude heroica, e a esta idéa se podem reduzir todos os seus louvores; e se depois quizer decidir a questão, sem decidilla resolva, que foi igualmente observante de huma, e outra virtude.

A este genero *Didascálico*, ou disputativo, pertence o propôr questões de todo o genero de sciencias, e artes, decidindo-as em louvor do sugeito, que se venera, e dos que lhe consagraõ a festa aquelle dia, e nisto ha hum largo campo para o discusso; v. gr. na degolação do Baptista se póde propôr aquella questão, que propuzeram a *Zorobabel* na antessála delRey da Persia: quem tem mais poder, o vinho, ElRey, a mulher, ou a verdade? E depois de julgar pela verdade, confûte os argumentos do vinho, Rey, e mulher na meza de Heródes, que he huma idéa muy energiosa para os louvores de huma verdade perseguida.

No genero *Deliberativo* póde o Orador usar do louvor da virtude, e vitupério do vicio, que he imitar ao genero *Demonstrativo*; e depois de haver proposto, e penderado a formosura, e nobreza da virtude, se póde concluir com persuadir a imitação; pois entãõ quem persuade, tem menos que fazer, por estar já convencida a mayor parte da difficuldade, que he provar, e declarar ao entendimento cego a formosura da virtude, que leva em si todas as conveniencias de bem. Assim o ensina S. Gregorio Nisleno *de Orat. Oration. 1.*

Nesse mesmo genero *Deliberativo* se póde usar do modo judicial, accusando a tibeza em seguir esta, ou aquella virtude, para que a accusação contra si mesmo seja prudente persuasão ao auditorio. Este
estyl-

estyllo usáraõ muitas vezes os Santos , e em especial S. Lourenço Justiniano *lib. de Incend. Divin. amer. cap. 2* , aonde diz : *Verba animæ clamantis contra duritiam suam , quia non sentit passionem dilecti Jesu Domini sui.*

No mesmo genero Deliberativo se pôde usar o *Didascalico* , propondo alguma questãõ , como para ponderar a gravidade da culpa controverter , que inimigo he o mayor para a alma , se o Mundo, o demonio , ou o outro.

De tudo o dito infiro , que os dous generos principaes ao Orador Sagrado saõ o *Demonstrativo* , e *Deliberativo* , de louvores de Santos , e persuasão de virtudes , e em ambos estes generos pôdem entrar os outros dous , *Judicial* , e *Didascalico* com a moderação , e sobordinação , que tenho dito.

As partes da Rhetórica saõ cinco : Invenção , Disposição , Elocução , Memoria , e Pronunciação. A Invenção busca idéas , e materias para discorrer ; a Disposição colloca em seu lugar , o que se achou ; a Elocução diz com palavras decentes , e ajustadas , o que dispoem ; a Memoria retêm tenazmente , o que se ha de falar. A Pronunciação tempéra a voz com aspereza , e brandura , conforme o pede a materia , que se trata. Estas partes da Rhetórica ensina Tullio *lib. 1. de Invent. Rhet.*

C A P I T U L O I.

Da Invenção.

A Invenção he a parte mais difficil da Rhetórica ; porque he a idéa de toda a fabrica , e he a que busca

busca todos os materiaes para ella : as idéas se haõ de fundar sempre em sentido Literal , ou Mystico do Evangelho ; porque este he o fundamento seguro , dos que querem edificar bons conselhos para o Auditório ; e assim as idéas jocosas , inuteis , pueris , e profanas , devem desterrar-se , como inimigas da Rhetórica Sagrada , que he séria , grave , e fructuosa. As partes da Invenção são seis , segundo Marco Tullio.

Exordio.

Narração.

Divisão.

Confirmação.

Confutação.

Epílogo.

O *Exordio* he o principio da Oração , em que se concilia o animo dos ouvintes , para o que se ha de tratar. Tem tres fins , que são causar benevolencia , docilidade , e attenção. O *Sermaõ* tem por fim o louvor do Santo , que se festeja , fundado no Evangelho , que a Igreja canta ; e assim no *Exordio* não se haõ de ponderar virtudes do Santo , nem fundar nellas conceitos ; porque isto pertence ao *Sermaõ* , só se haõ de tocar seus merecimentos , e virtudes , em quanto podem conduzir para provar o mayor gosto da Igreja com suas memorias , e a mayor influencia do seu amparo no dia , ou alguma , que seja para fundar o assumpto. Antigamente não se rezava a Ave Maria , depois de se propôr a solemnidade da festa , começou este estylo em S. Vicente Ferrer.

Nóte-se , que as circumstancias , que se devem ponderar , haõ de ser graves , e não pueris ; haõ de ser ajustadas ao dia , e não fóra da festa. Tambem se póde ponderar , quem a faz , sendo pessoa publica , como Rey , Reino , Cabido , Convento , Confraria : se for pessoa particular , ha de ser muy illustre , para que se fale nella ; e em suma a circumstancia da pessoa

ou Arte de Prégar.

348

7

foa particular se poderá tocar (ainda que sem nomear a pessoa) quando a sua memoria se dirige a fim sagrado ; porque então não pôde o Auditorio notar o Orador de lisongeiro. As circumstancias, que podem ocorrer para formar o *Exordio*, são muitas, mas podem reduzir-se a estas.

A persona.

A loco.

A tempore.

Ab accidentibus, & adjunctis

A casu, & fortuito.

Ab enumeratione.

A comparatione.

A persona, como se o Santo he filho da Cidade, aonde se faz a festa, ou he Patriarca de familia Religiosa, ou Bispo da Igreja, aonde se celebra, como fez S. João Chrysostomo na Oração de S. Babylos Martyr, entrando a ponderar, que foi Bispo de Antioquia, aonde prégava: *Enim verò quo facto præfectus huic nostræ Ecclesiæ fuerit, & in mediis procellis, tempestatibus, fluctibusque Sacram hanc navim servaverit.*

A loco, como se a Cidade, ou lugar ha recebido especiaes favores do Santo, ou se padeceu nella martyrio, ou se suas reliquias fazem aquelle sitio ditoso. Assim começa S. Maximo hum Sermao em louvor dos Santos Martyres Octavio, e Adventicio: *Præcipue eorum solemnitas tota nobis veneratione curanda est, qui in nostris domiciliis proprium sanguinem profuderunt. Martyr enim compatitur, non sibi tantum patitur, sed & civibus.*

A tempore, como se he tempo ajustado á solemnidade, circumstancia, que ponderou Santo Agostinho em louvor do Baptista, por haver nacido, quando os dias começaõ a minguar no nosso emisfério: *Ut humiliaretur homo, bodie natus est Joannes, quia*
mei-

incipiunt decreſcere dies. He de notar, que não he circumſtancia de tempo para obſervada, em que hoje ſeja Domingo, ou ſegunda feira, porque iſto ſe varia todos os annos; porêm não ſe varia o dia fixo do mez, que o Santo tem dedicado para ſeu culto.

Ab accidentibus, & adjunctis, que ſão os accidentes, que coſtumaõ acompanhar a feſta, como procillaõ por falta de agoa, por ſolemnidade, ou prerogativa contra a péſte, ou por cauſa de algum concurſo de gente em ſolemnidade de algum Santo, cujas Reliquias ſe trazem á Cidade, ou pòvo. Aſſim começou S. João Chryſoſtomo a Oração de S. Focas Martyr ao tempo, que Antioquia ſolemnizava a poſſe de ſuas Reliquias com huma feſta de arcos triunfaes, e luminarias: *Serm. de S. Focas Martyr. Splendida nobis heſterno die faſta eſt civitas, ſplendida, & illuſtris, non quia columnas, ſed quia Martyrem habuit cum pompa incedentem, qui ad nos ex Ponto advenit.* Tambem pertence a eſta circumſtancia qualquer accidente ſagrado, como o paõ de S. Braz, agoa de S. Domingos, bençaõ, &c.

A casu & fortuito, como ſe houelle ſucedido huma morte repentina, hum terremóto, huma viſtória, huma maravilha, ou huma eleiçaõ de Prelado. Aſſim diſpoz S. Leão Papa o Exórdio, que fez, quando ſobio ao Pontificado: *Serm. de Natal. ſuo. Rationem ſolemnitatis hodiernæ.*

Ab enumeratione, como ſe o Santo morreu ao quarto, ou quinto dia da Páſcoa, ou ſe he o primeiro do anno na ſolemnidade, e culto, ou he o ultimo. Aſſim ponderou S. João Chryſoſtomo a ſolemnidade de humas Santas Virgens, e Martyres: *Nondum elapſi ſunt dies viginti, ex quo memoriam Crucis cele-*

celebravimus, & ecce martyrum memoriam celebra-
mus.

A *comparatione*, fazendo comparaçãõ entre duas cousas, huma mayor, que outra; ou comparando duas cousas contrarias para tirar contrarias consequencias, v. g. Alexandre Magno se viõ respeitado com o silencio de toda a terra, por hayer conquistado a Asia: *Siluit terra in conspectu ejus.* Pois se he mayor conquista reduzir corações, que render Cidades, havendo conquistado para Deos S. Francisco Xavier o melhor da Asia, que he a India, de que louvores se não faz digna a sua grandeza? Este Capitulo da comparaçãõ pôde servir para exorciar, ou comparando huma pessoa com outra, hum lugar com outro, hum tempo, hum accidente, hum acaço, hum numero, &c. como S. Fulgencio no Sermaõ de Santo Estevaõ compára duas pessoas, dous tempos, dous lugares, dous accidentes, &c. *Heri celebravimus temporalem sempiterni Regis natalem, hodie celebramus triumphalem militis passionem.*

NARRAC, A M.

A Segunda parte da *Invençãõ* he a *Narraçãõ*, a qual tem seu lugar depois da saudaçãõ nos Sermões ao uso de Castella, e em nós depois do Exordio: com ella se explica, e narra a clausula do Evangelho, em que quer fundar o Sermaõ, v. g. no Evangelho de S. Pedro narre a confissãõ, que fez da Divindade de Christo, e o principio de ser S. Pedro o fundamento da Igreja; e se o Orador quer fundar o seu Sermaõ na confissãõ da Divindade, essa he a que ha de narrar difundindo-se nella, e deixando as de-

mais clausulas do Euangelho, que não haõ de fundar a thésis, ou assumpto universal do Sermaõ todo. E se quer fundar a Oraçaõ no prémio dessa confissão, que he ser S. Pedro fundamento da Igreja, a narração ha de ser em ordem á clausula: *Tu es Petrus, & super hanc petram.*

Advirta-se muito, que a narração he o tronco da divisaõ, e assim se ha de eleger aquella clausula do Euangelho para narração, em que se possa melhor fundar a divisaõ dos pontos, que se haõ de tratar, v. gr. no Sermaõ de S. Pedro, havendo narrado, que he pédra firme, que segurou como lastro a nau triumphal do crédito de Christo, quando se lhe opunhaõ as ondas de varios pareceres, e opiniões, esta he a pédra, que Christo elege para fundar a sua Igreja; e assim como na primeira pédra de hum edificio sumptuoso se arrojaõ moedas, e medálhas com a imagem do Principe, e suas divisas, assim em S. Pedro depositáram as tres Divinas Pelloas seus braços, isto he, ser S. Pedro pédra preciosa, por ser pédra fundamental da Igreja. Isto profetizou Isaías cap. 28. *Ecce ego mittam in fundamentis Sion lapidem, lapidem probatum, angularem, pretiosum, in fundamento fundatum.*

Nesta pédra depositou o Eterno Pay a illustração do seu entendimento: *Quia caro, & sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus.* O Verbo lhe deu as chaves da Gloria, e authoridade Pontificia: *Tibi dabo claves Regni Cælorum.* O Espirito Santo lhe deu o Dom, tratando-o como filho da tua eminente caridade: *Beatus es Simon Barjona, id est, filius columbæ.* Já temos aqui a narração de ser Pedro pédra preciosa da Igreja, e a divisaõ de se achar
esta

esta pédra engrandecida das tres Divinas Pelloas.

Nos Sermões de Santos, esta narração não ha de ser núa, senão acompanhada com a narração da história do Santo, que se louva; não que seja necessario referir toda a sua vida, senão só contar aquella parte da história, que tem allusão, e parentesco com a narração do Evangelho cantado.

Propriedades da Narração.

SÃO tres, que seja breve, clara, e provavel. Breve; porque a introdução he pórtico da fábrica espiritual, e não ha de ser dilatando o pórtico, quando se reduz a huma hora de tempo o aperto do edificio. Aquellas cousas, que communmente se sabem, não haõ de repartir-se, senão supôr-se, e insinuar-se; porque he carga pezada ao Auditório levar aos hombros hum arrazoado tão sabido: *Narratio fatui quasi sarcina in via. Eccles. 21 v. 19.* O mesmo, que digo da narração adequada do Evangelho, ou história do Santo, digo das narrações particulares, que no meyo do Sermaõ servem de introduzir este, ou aquelle discurso, e de referir história de algum Texto Sagrado.

O segundo, que se pede he, que a narração seja clara, usando de vózes não tão conceituosas, que ocultem a théses de tudo, o que se discorre; porque como a introdução he a que funda o Sermaõ, he necessario, que seja clara, para que a formosura da fábrica se veja sem véo, e cortinas.

O terceiro, que pede a narração he, que seja provavel, isto he, de cousas verosimeis, ou certas; porque para persuadir he necessario, que o discurso

seja conforme á fé, e razão natural, ou á experiencia commua. Nem o Orador pôde dizer cousas novas sem as fundar nas antigas: *Qui profert de thesauro suo nova, & vetera*; e assim haõ de ser sólidas, e verdadeiras, por não estar gastando o tempo, e enganando o Auditório.

D I V I S A M.

A Divisão, por ser mãy da clareza, he a que illustra huma Oração, e assim depois de se haver narrado a clausula do Euangelho, e estar já applicada a huma, ou a muitas acções do Santo, se ha de dividir em pontos, para que fórme claro conceito o Auditório: todos os pontos da divisão haõ de unir-se, e enlaçar-se entre si, e reduzir-se ao assumpto principal, ou théses, como cabeça da Oração: v. gr. no Euangelho das Virgens: *Thesauro abscondito in agro*, se pôde formar a divisão em tres generos de thesouros, que deu esta Santa á Igreja: thesouro de seu patrocínio, thesouro de seus merecimentos, thesouro de seus milagres. Advirto, que as divisoens sejam breves, para que sejam claras.

C O N F I R M A C, A M.

A Confirmação he a próva do discurso; porque depois de haver-se introduzido o Orador com a narração do Euangelho, e divisão dos pontos, deve acodir ao primeiro ponto, levantando algum pensamento em louvor do Santo, e a próva do pensamento (seja próva de razão, ou lugar da Escriitura) he a confirmação. Esta próva não se ha de propôr com

esty-

estyllo Dialectico, senão com modo Rhetórico, não formando syllogismos, senão com huma conversação suave, que persuada familiarmente. Regra he de Quintiliano *libr. 6. cap. 14*, e de Aristoteles 2. *Rhetor. cap. 23*, acrescenta Cicero, e o prova Santo Agostinho, que das provas, ou confirmações, a mais eficaz seja a primeira, v. gr. a do lugar da Escritura; a de menos força a segunda, v. g. prova de similes naturaes, experiencias Filosoficas, propriedades de plantas, pedras, &c. A ultima prova ha de ser a de mayor excelencia, mais gostosa, e florida, como ditos de Filosofos antigos, problêmas curiosos, e segredos da natureza explicados.

Qualquer das provas pôde ter tres partes simples: Confirmação, Amplificação, e Exornação. A primeira compoem concisamente a prova do assumpto: a segunda pondera, estende, e dilata aquella razão: a terceira adorna, e faz polido o argumento, com trópos, frâses, figuras Rhetóricas, e sentenças. A amplificação tem cinco fontes, de que se podem tirar infinitas ponderações.

1 *Que só.*

2 *Que primeiro.*

3 *Que com poucos.*

4 *Que mais vezes.*

5 *Que principalmente.*

Tudo isto se vê na Virgindade de MARIA Santíssima; pois MARIA foi *só* em ser Virgem, e Mãe: foi *primeira*, que guardou Castidade, sendo Espôsa: foi a que prometeu guardar pureza, acção, que *em poucos* se achou da Ley antiga: foi a que *mais vezes* renovou, e confirmou interiormente o proposito da Virgindade: foi a que *principalmente* amou esta virtude, &c. Nóte-se, que não he necessario usar sempre de todas as cinco fontes de amplificar, senão daquella,

quella, que fizer melhor em ordem ao fugeito da Oração. Qualquer genero de prova, seja Confirmação, ou Amplificação, póde formar-se, ou do intrínseco do fugeito, ou do extrínseco; o meyo intrínseco se divide em sete classes, e o extrínseco em nove.

Meyos intrínsecos.

- | | | | |
|---|----------------------|---|-------------------|
| 1 | <i>Todo.</i> | 2 | <i>Partes.</i> |
| 3 | <i>Genero.</i> | 4 | <i>Especie.</i> |
| 5 | <i>Diferença.</i> | 6 | <i>Definição.</i> |
| 7 | <i>Propriedades.</i> | | |

Meyos extrínsecos.

- | | | | |
|---|---------------------|---|----------------------------|
| 1 | <i>Similes.</i> | 2 | <i>Diffimiles.</i> |
| 3 | <i>Contrarios.</i> | 4 | <i>Repugnantes.</i> |
| 5 | <i>Conjecturas.</i> | 6 | <i>Causas extrínsecas.</i> |
| 7 | <i>Efeitos.</i> | 8 | <i>Comparação.</i> |

9 *Vocábulos.*

Exemplos dos sete, e dos nove modos.

1 *Todo*, v. gr. MARIA Santíssima he toda formosa nos olhos de Deos: *Tota pulchra es amica mea*; logo seu corpo foi hum espelho de pureza, a sua Alma sempre teve os candores da graça.

2 *Partes*, v. g. Santo Thomás teve hum corpo sem sensualidade, em que tropéção os homens; hum alma sem soberba, em que cahirão os Anjos; logo todo se transformou pela graça na natureza Divina; pois ficou superior ás duas naturezas, Angelica, e humana.

3 *Genero*, v. g. a perfeição das almas consiste na uniaõ com a perfeição summa de Deos; pois se o amor nos une com Deos, quem duvida, que o amor Divino nos faz perfeitos? Este he argumento *à genere*; porque a perfeição he razaõ commua, e genérica do Divino amor.

4. *Especie.* Por especie entendemos naõ a especie humana, senaõ a especie, e natureza perfeita da Virtude, que queremos provar no Santo, v. gr. quero provar a caridade ardentissima de S. Pedro Nolasco. E propondo este argumento na especie. A caridade perfeita se mostra em dar a vida pelos amigos: *Maiorem hac dilectionem nemo habet, quam ut animam suam ponat quis pro amicis suis. Joann.*

15. Conhecia-se esta em Christo; pois por remir os cativos, quiz ficar em poder de seus inimigos prezo. Quiz Christo estar cativo já no Horto, já na Cruz, já na Sepultura, até que os cativos sahisse do carcere das sepulturas: *Multa corpora sanctorum surrexerunt, & exeuntes de monumento post resurrectionem ejus venerunt in sanctam Civitatem. Matth.*

17. Esta he a razãõ, porque os que antes eraõ cativos da culpa, se achãrãõ cativos de Christo pela fineza: *Captivam duxit captivitatem. Ad Ephes. 4.* Pois se S. Pedro Nolasco se meteu voluntariamente nos cárceres por dar liberdade a cativos, a sua caridade naõ podia ser taõ fervorosa, sem que participasse chamas vivas do coração de Christo, que tambem livrou o Mundo cativo com o amor mais perfeito.

5. *Diferença.* Este modo se ha de usar muito nos Sermões dos Santos, ponderando a sua virtude pelo modo especial, e distinctivo dos outros; pois desta fôrma o que se diz, se singulariza no fugeito da Oração. V. gr. quero provar, que o defender a honra de Christo devia fiar-se só de Santa Theresa: *Deinceps, ut vera sponsa, meum zelabis honorem.* E fôrme o argumento pela diferença da honra de Christo. A honra de JESUS Christo se distingue das

das outras, que esta sobre todas he a mais perfeita, e elevada, *ut in nomine JESU omne genuflectatur.* Pois se esta honra he a mais perfeita, razão era, que só se fiasse de huma Santa, que fez voto de obrar em tudo o mais perfeito. Obrar o perfeito he proprio das almas justas. Obrar o mais perfeito he o que distingue a Santa Theresa de todos, pois só ella chegou ao sumo da perfeição heroica; fie pois Christo della, e só della, a defeza da sua honra.

6 *Propriedade.* Este meyo he o mais comum para louvores dos Santos; porque sendo muitas as propriedades de huma virtude, se não tomou esta, tomou aquella para a sua amplificação; v. g. he proprio do amor entregar-se o amante ao amado; e por isso entre as Divinas Pessoas o Espirito se chama *Dom.* Pois se Christo na Eucaristia nos dá seu Corpo, Alma, e Divindade, quem duvida, que na Mesa do Altar se ostenta mais extremo o seu amor? Tambem he propriedade do amor perfeito não temer os perigos: *Perfecta charitas foras mittit timorem, quoniam timor pœnam habet; qui autem timet non est perfectus in charitate.* Desta propriedade do Amor Divino, que he não temer riscos, se pôde provar a caridade de S. Francisco Xavier, não temendo os das nações barbaras.

7 *Definição.* Esta he, ou de cousas, ou de nomes, e ambas podem servir de meyo para a Confirmação. De duas cousas pôde servir a definição, ou essencial, ou discretiva das propriedades, ou efeitos da essencia: v. gr. Prégador Apostolico he o que obra, ou ensina, como os Apostolos. Pois se a S. Domingos entregou S. Paulo hum livro, e S. Pedro hum Báculo, este para guiar os seus passos, aquelle para

para illustrar os entendimentos, não será S. Domingos Clarim Apostolico? A definição do nome muitas vezes he airofissima prova do assumpto, assim o uso muitas vezes os Santos.

Aleyos extrinsecos.

1 *Similes*, v. g. o balsemo ferido destilla hum licor suave, que aproveita para remedio das feridas. S. Pedro Martyr ferido na cabeça foi balsemo, que curou as chagas da heresia ao mesmo, que lha atravessou com a espada.

2 *Disimiles*, v. gr. huma Estrella cahio do Ceo, e se transformou em amargosa erva absinthio. Esta Estrella he o demonio diz a Interlineal: *Diabolus invidens. Apocal. 3. v. 10*, baixou por sua soberba a ser erva amargosa de penas no abyssmo. Francisco pela sua humildade sobio a ser Estrella.

3 *Contrarios*. A amizade com o Mundo he inimidade com Deos: *Amicitia hujus mundi inimicitia est Dei. Job cap. 4.* Logo a inimidade com o Mundo he amizade com o Ceo.

4 *Repugnantes*. Este meyo serve para ponderações hyperbolicas, assim de persuadir, como de louvar. V. gr. para ponderar quam longe está do Amor Divino huma alma, que pelo vicio se entrega ao demonio, se diz, que lhe entregou o coração de maneira, que fica sem elle; e assim lhe repugna amar a seu Deos, porque sem coração não se póde amar. Desta maneira ponderou Oséas a culpa do Tribo de Ephraim idolatra: *Revelata est iniquitas Ephraim, quasi columba seducta non habens cor. Oseas cap. 7.* Logo se Santa Catharina de Sena deu o seu coração a Christo, e recebeu o de Christo em seu peito, tão longe esteve da culpa, como se com ella tivesse repugnancia.

5 *Conjecturas*, ou *Adjuntos*. Estes são os accidentes extrínsecos, que acompanhaõ o objecto, como lugar, tempo, vestido; destes pôde formar argumento o Orador em louvor do Santo: v. g. na natividade do Bautista se pôde ponderar o lugar, aonde nasceu, que segundo Cesar Baronio foi a Cidade de Hebron, aonde estavaõ sepultados Abraham, Isaac, e Jacob, como se deduz do cap. 14 de Josué, e explica Santo Antonino. *Tradition. Hebraic. sup. Gen.* Deste lugar, aonde nasce S. Joaõ, se deduz huma como resurreiçaõ daquelles no seu nascimento. Assim discorre S. Leão Papa, que o tempo, em que morreu Christo, extinguiu todas as sombras dos sacrificios antigos, como sacrificio do Celestial Cordeiro: *Vetus testamentum consummabat, & novum Pascha condebat.*

6 *Causas extrínsecas*. V. gr. em louvor do Bautista se pondéra, que a huns Santos favorece Deos com o dedo do seu amor: *Dexteræ Dei tu digitus*; a S. Joaõ o favoreceu com toda a mão do seu poder: *Etenim manus Domini erat cum illo.* Da mão de Deos, que era a causa extrínseca assistente, se infere, que faz S. Joaõ com todos côro á parte.

7 *Efeitos*. Este meyo pertence aos milagres, que tem obrado os Santos; os louvores, que merecêraõ de Christo; porque estes, e aquelles são efeitos da virtude do Justo. V. g. em louvor de S. Bruno ponderar, que de seus óssos no sepulchro manou huma fonte de agoa para curar todo o genero de doentes, como do Trono do Cordeiro Divino corre hum rio caudaloso, que dá, e comunica vida: *Et ostendit mihi fluvium aquæ vitæ, splendidum tanquam chry stallum, procedentem de sede Dei, & agni. Apocal.*

8 *Comparações*, estas são entre cousas de huma mesma especie: os similes são entre cousas de distinta especie, ou genero: v. gr. he comparação dizer, que foi zeloso, como Elias; paciente, e rendido, como Job, &c. Porém simile he dizer: S. Vicente Martyr foi invencivel nas dores, como o leão na luta, e como o diamante nas chamas; algumas vezes se pôde usar de ambos juntos, como fez Dionysio Carthusiano, que para louvar a S. Bernardo tomou aquellas palavras do Profeta Ageo: *Ponam te Zorobabel quasi signaculum*; com que ao mesmo tempo usa da comparação, e simile; do primeiro comparando a S. Bernardo com Zorobabel; do segundo assemelhando a S. Bernardo com o zelo de Deos.

9 *Vocábulos conjugados*. Este meyo se ha de usar com muita delicadeza, e moderação, porque de outra maneira costumão as próvas fahir pueris, e jo-cosas. Joga-se pois de vocábulo com huma parano-másia, ou adjectivação da vóz: v. gr. Theresia, ou Theresia, que em Grego significa tres vezes Varam; livro, livre: Agostinho, Augusto: Amante, amente: Vendido, vendado. Porém ha se de notar, que este meyo extrinseco de amplificar nam ha de encher todo hum discurso; porque não tem aquella firmeza, e fundamento, que pede a gravidade do pulpito, só pôde servir para adornar com gravidade hum conceito; pois muitas agudezas, ainda que não sejam per si fructuosas, se permitem, e fazem o que no adorno de hum Altar os ramilhetes; v. g. MARIA he mãe suave, que conduz a náu da Igreja Militante ao porto seguro da Gloria.

A *Confutação* he, a que desfaz os argumentos contrarios á confirmação proposta, e he como defensiva; e assim póde fazer-se pelos mesmos principios intrinsecos, ou extrinsecos, como acima fica dito, e ponderado, v. g. no Sermao do amor dos inimigos ha duas castas de provas, humas positivas, que persuadem a caridade, e benevolencia, para os que nos agravao; e outras solutivas dos argumentos, que a ira propoem contra a razao. Pois o meyo, que tem a ira para persuadir a vingança, he que sem esta fica injuriada a honra, que he a melhor cousa da vida; e contra isto entra agora a Confutação, provando, que mais honra ganha, quem perdoa a injuria, que quem a vinga; porque he mais honra perdoar, (o que poucos tem vencido) do que vingar-se, (o que muitos tem feito.) E outras semelhantes razoes, que podem tervir para a Confutação; pois bem provada, fica a conveniencia de huma virtude provando os inconvenientes do vicio, que lhes faz opposição.

Epilogo, ou Peroração.

T Em duas partes: Enumeração, e Comiseração. A primeira recita sumaria, e sucintamente os pontos, que se tem ponderado. Esta recopilação ha de ser breve, e não dilatada, porque molesta, e cansa ouvir, o que se tem ouvido: ha de fazer-se com huma brevidade deleitosa, que áte, e ajuste todas as flores do ramilhete, com o fio do ouro da recopilação. A Comiseração póde dilatar-se mais que o Epilogo; porque tem por fim mover os affectos no auditorio,

tório, inferindo-os do que fica dito no discurso do Sermão. Nos Sermões dos Santos ha de ser a Comiseração excitando a seguir as virtudes, que no Santo resplandecêraõ; ou pedindo ao Santo o seu patrocínio, e amparo para imitallo em tudo. E nos Sermões a Comiseração ha de ser muy affectiva, e fervorosa, porque he a que rende, ao que se aconselha no Evangelho.

DISPOSIÇÃO.

A Disposição he, a que colloca em seu lugar os materiaes, que acha, e descobre a invenção; porque depois que se tem buscado lugares para o Exordio, Narração, Divisão, Confirmação, Confutação, e Epilogo, entra a disposição a pôr as pedras em seu lugar, e a levantar por ordem o edificio.

Esta ordem se acha variada nos Oradores, e desta liberdade tiro eu a liberdade do Orador em dispôr. Convém todos, que os lugares para dividir não se haõ de trazer para confirmar, ou confutar, nem à contrario; porque ha suas classes na invenção, e o que serve para huma, não se ha de confundir com outra. Mas v. g. na confirmação, que he o batedouro dos lugares de arguir, se pôdem pôr em primeiro lugar as razões, em segundo lugar os contrarios, em terceiro os similes, em quarto os exemplos, e comparações, em quinto as authoridades, e histórias gentílicas. Porém esta ordem não he tão rigorosa, que obrigue ao nosso entendimento, que a siga, ou guarde inviolavelmente; porque muitas vezes nos Santos Padres achamos esta ordem invertida; pois começaõ huma confirmação por alguma história, ou sentença dos Filósofos Latinos, ou Gregos, e concluem com huma

humã raçaõ authorizada com lugar da Escriptura , como se pôde vêr em S. Joaõ Chrysostomo : *Ad populum Antiochenum*. Em S. Gregorio Nazianzeno , S. Leão , S. Fulgencio , e S. Maximo.

E L O C U C , A M.

A *Elocuçãõ* he o todo da Rhetórica , sendo as demais partes só partes della , disse Tulio. Porque he , a que veste de gala todos os conceitos , e discursos ; e muitas vezes pelos remendados vestidos das palavras perdem os objectos o esplendôr , que em si tem. Será eloquente (diz Santo Agostinho , e Cícero) quem disser as cousas grandes com gravidade , e grandeza de estylo ; as pequenãs com moderação , e decencia , as infimas com submissam , e lhaneza. A primeira regra em materia de Elocuçãõ he , quando se discorre com pura formalidade , não se use de tropos , figûras , metáforas , nem de palavras altíloquas ; porque como os objectos se enlaçaõ com primôr , e altura do discurso , se as vózes são altas , se faz ininteligivel , o que se diz , como se humã imagem formosa lhe lançassem humã cortina , nam se poderia conhecer , se era perfeita ; e assim quando se discorre , as vózes hão de ser claras , significativas , e puras , para que pela sua transparencia se veja a imagem do conceito , que se fórma ; quando se ha de ponderar alguma acçaõ , e se ha de aplaudir , ou exornar , cabe o esplendôr das vózes , para que vestidos de gala os objectos , fação flórido , e formoso o discurso.

Partes da Elocução.

SAõ tres: Elegancia, Dignidade, e Composição. A Elegancia pertence a evitar os solecismos na Grammatica. A esta elegancia se ajunta como accidente a perspicuidade, que he o esplendôr do estylo na doce, sonôra, e armoniosa collocação das palavras. Engana-se (diz Quintiliano) quem imagina, que a prósa não tem tòm, como o verso balança para as syllabas; pois a experiencia nos ensina, que de não pezarem muitos as palavras, que proferem, e vózes, que articulaõ, sahem com rudeza, e barbaridade as clausulas. Distingue-se a prósa do verso Portuguez, ou Castelhana, que este se termina com os toantes, ou consoantes; e a prósa termina as suas clausulas com dissonantes nas vózes, e disto se acharão exemplos em Santo Ambrosio, S. Maximo, S. Leão Papa, e S. Fulgencio; porém a prósa, e verso comum nos Dactilos, e espondeos, com que o sonôdo fica corrente, e armonioso; verdade he, que no verso he necessario mais cuidado, porque se ata mais ás leys do numero.

A^a dignidade pertencem os trópos, ou figûras, com que a Elocução se exorna. O trópo se differença da figûra nisto, que o trópo usa da palavra na significação trasladada; a figûra na significação propria, ainda que com fim distincto: v. gr. Leão he trópo de hum homem fôrte, e valeroso. Da figûra diremos abaixo. Ha trópos, e figûras de palavras, e de sentenças, que constaõ de dicções, e assim para mayor clareza dividirey em clásses os trópos, e figûras.

Trópos de palavras são de oito modos.

- | | |
|-----------------------|-----------------------|
| 1 <i>Metáfora.</i> | 2 <i>Cathechesis.</i> |
| 3 <i>Metonymia.</i> | 4 <i>Synecdoche.</i> |
| 5 <i>Antonomásia.</i> | 6 <i>Onomatopeya.</i> |
| 7 <i>Metalepsis.</i> | 8 <i>Antiphrasis.</i> |

1 A rigorosa metáfora he trasladar o proprio significado pela semelhança, que ha entre os dous, v. gr. Leão por forte, Aguiã por engenhosa, Lobo por glotaõ, e Tigre por cruél.

2 *Cathechesis* he o mesmo que abuso, e quando por falta de huma palavra usamos de outra, que tenha proporção com ella, v. gr. pé de mesa, boca, ou lábio de Cáliz, lado de Altar, ou de Exercito.

3 *Metonymia* he o mesmo que transnominação, e he quando o nome de huma cousa se toma por outra, isto se faz de seis modos. Primeiro, causa pelo efeito, v. g. Sol por luz, noite por trévas, guerra por feridas, e mortes. Segundo, efeito por causa, v. gr. annos alegres por mocidade, crueldade por tyrania, poder por riqueza, e ouro, cegueira por ira. Terceiro, o que se contém pelo continente, v. gr. o Incenso por Altar. Quarto o continente pelo que se contém nelle, v. g. Ceo por Bemaventurados, terra por viventes, jardim por flôres. Quinto, o final pelo significado, v. g. Púrpura pelo Reino; bastão por General de Exercito; louro por Imperio. Sexto, significado pelo final, v. gr. vergonha pela côr de sangue nas faces, fortaleza de animo por estar em pé, serenidade por Iris do Ceo. E advirta-se, que o que se diz do que contém, e do conteúdo, se diz do que possúe, e do possuhido, & é *contra*. E o que se diz da causa, e do efeito, se diz do Presidente pelo que preside, e do inventor pelo inventado, v. gr.
Lúa

Lúa por agoas , Vulcano por fogo , Márte pela guerra , Ceres por pão , Baco pelo vinho.

4 *Synedoché* he , quando se toma a parte pelo todo , & è *contra* , v. g. carne por homem : *Et videbit omnis caro salutare Dei*. A contrario se toma o todo pela parte , v. g. brilha o Ceo , em lugar de dizer o Sol brilha. A este trópo se reduzem todas as elocuções , nas quaes se toma o genero pela especie , v. gr. grama por erva ; ou se toma hum por muitos , v. g. o Grego he engenhoço , em lugar de dizer os Gregos.

5 *Antonomásia* he significação , que se impoem em lugar do nome , v. g. para dizer Aristoteles , digo o Filosofo , e para dizer S. Paulo , digo o Apostolo : estas são humas vózes , que suprem a falta do nome pela excellencia do sугейto : quando á vóz , que significa a pessoa , se ajunta o nome , não he antonomásia , senão epítheto , v. gr. o Orador de Roma Tulio , o Fénix da Igreja Agostinho.

6 *Onomatopeya* he ficção de nome , usa-se muito nos Gregos , mas não nos Latinos ; o nome , que se finge , he semelhante na pronunciação ao que se quer significar por elle , v. gr. assobio , susurro , murmurinho , grasnar o Córvo : estas vozes já estão em uso ; porém a liberdade de outras , que expliquem na pronunciação a semelhança , como o objecto , não he licito a todos , até que o uso faça corrente a moda das palavras novamente inventadas.

7 *Metalepsis* he , quando por grãos conhece o discurso , o que quer significar a palavra , v. g. muitas auróras por dias , muitas luas por mezes , muitos Abrís por annos.

8 *Antiphrasis* he , quando a vóz se entende em

contrario sentido do que significa, como dizer, que humilde foi Lucifer, que bem conseguiu a sua elevação! Este trópo coincide com a Ironia, que cabe com as palavras, e dicções inteiras.

Trópos nas sentenças.

- | | |
|----------------------|-----------------------|
| 1 <i>Allegoria.</i> | 2 <i>Hypérbole.</i> |
| 3 <i>Hiperbaton.</i> | 4 <i>Periphrasis.</i> |

A perfeita allegoria he hum continuacão de clausulas regidas por huma metáfora, v. gr. Elias foi chama para illustrar a synagoga, para abraçar no amor de Deos as almas, &c.

Hyperbaton he hum transgressão, que turba a ordem da ordem das palavras, cortando-as com algum verbo. Não está muito no uso dos Oradores. Tem cinco especies; primeira Synchesis, segunda Histanologíá, terceira Anastrophe, quarta Parenthesis, quinta Tmesis: usaõ-se algumas vezes cortando a clausula, ou mudando a ordem natural das palavras, v. gr. a Igreja para a fundar foi eleito Pedro; não tem estes trópos brão Rhetórico, se não he algumas vezes o Parenthesis, de que se ha de usar com muita temperança; porque como he hum breve digressão, não he justo se fale muito fóra do principal assumpto, que se leva entre mãos.

Hypérbole he hum excessão de louvor, ou vitupério, que ainda que se não funda em verdade, argue hum grandeza, e hum distancia por modo de ponderação, assim falou *David* louvando a velocidade de *Saul*, e *Jonathas*. *Velocioris aquila.*

Periphrasis he circumloquio de clausulas, em que para explicar hum cousa, que peça poucas palavras, se ajuntão muitas, ou para deleitar, ou para mover, v. g. para dizer *Christo*, se dirá por periphrase.

se. Cordeiro sem mancha, que com seu sangue lavou as almas, vestiu com seu velocino a Igreja, e prevenio com seu corpo o alimento na Mesa da Eucaristia. A este trópo se reduz a parafrasis, em que se explica com muitas palavras, o que se ocultava em poucas.

Figuras das palavras.

Distingue-se a figura do trópo, em que o trópo sempre usa de palavras improprias; porque usa de metáfora nellas.

A figura póde usar de palavras proprias, e improprias; póde fazer-se de três modos por três colocações, de uso de voz, ou palavras. Primeiro, tirando; segundo, ajuntando; terceiro, assemelhando.

(<i>Diffolução.</i>	<i>Tirando</i>	(<i>Disjunção.</i>
(<i>Adjunção.</i>		(<i>Synedoche.</i>

Diffolução: usa de muitas palavras sem conjunção, que as una, v. g. penitencia, zêlo, sabedoria, crávos, chágas, amor, e fortaleza, tudo se acha em S. Francisco copia de Christo.

Adjunção: quando a muitas palavras as rege hum verbo; v. g. Agostinho com a sabedoria triunfou dos erros, e feitas, com a vigilancia do ócio, com a paciencia dos trabalhos, e com o amor de si mesmo, vivendo em Deos transformado.

Disjunção leva em cada palavra seu verbo, que a reja, v. g. Paulo illustrou a Igreja, sepultou a synagoga, abraçou corações, e almas.

Synedoche, ou omissão, tira huma palavra, e se entende pelas demais. Outra figura ha muy briosa, que no Grego se chama *Aposiopesis*, e esta pertence

á Synedoché ; porque he huma interrupção , e omiſſão de palavras para explicar , ou o grãve de huma pena , ou o alto de huma maravilha , v. gr. ó eternidade , para ſempre apartar-fe huma alma de todo o bem , ſem que a eſperança , &c. Hade-fe formar eſta figura raras vezes , e eſtas haõ de ſer em favor da Oração , para que não pareça artificio , o que ha de ſer força do affecto.

Repetição.

Ajuntando (Comduplicação.

Converſão.

(Tradução.

Complexão.

(Senonymia.

(Gradação.

A *Repetição*, e *Converſão* ſó ſe diſtinguem , que a primeira repete a palavra ao principio da clauſula , e a ſegunda no ultimo della , v. g. Domingos foi Eſtrêlla em guiar , Eſtrêlla em luzir. Ou de outro modo , em guiar Eſtrêlla , em luzir Eſtrêlla.

Complexão repete palavras diferentes ao principio , e fim das clauſulas : v. gr. ſe buſcas à pérola , Thereſa foi a concha ; ſe buſcas fogo do Amor Divino , Thereſa he a frágua.

Comduplicação repete huma palavra ; ou no principio , ou no fim da clauſula , v. g. *Elias* triunfa , e triunfa de pecadores : para domar os erros do Anti-chriſto martéllo , e martéllo. Eſta figura cahe melhor no Hebrêo , que no noſſo idiôma , e aſſim ſe ha de uſar com muito cuidado , porque no noſſo idiôma ha muita abundancia de palavras , que faltaõ no Hebrêo ; e por ſer aſſim taõ curta (ainda que profunda) toma licença para repetir huma meſma palavra para ſignificar couſas altíſſimas , como *Iſaías* : *Modicum ibi , modicum ibi*. *David* : *Deus Deus meus : homo , & homo natus eſt in ea*.

Tra-

Traduçam he repetir huma mesma vóz com novidade na collocação, v. gr. Agostinho foi luz, para que comunicando a outras tôchas a luz, fosse tôcha mais celestial na generosa comunicação.

Senonymia usa de muitas palavras, que coincidem com huma significação mesma: v. gr. Paulo valente, guerreiro, brioso, alentado contra o gentilismo.

Gradaçam deduz huma cousa de outra, ou louvando, ou vituperando, ou persuadindo, v. gr. o Doutor Serafico occultando a sabedoria logrou a humildade, com a humildade comprou o Divino Amor, com o amor lavrou a coroa de hum Serafim.

Affimilhando, (Agnominação.
(Simil terminação.
ou (Contençaõ.
Dissimilhando. (Comutaçaõ.

Agnominação, ou *Paranomasia* he concluir as clausulas com vózes, que ainda que sejam diversas, pareçaõ huma mesma. V. gr. Santo Isidoro ora, e chora.

Simil terminação, que o Grego chama *Homæote leuron*, he, quando as clausulas terminaõ com huma mesma assonancia, v. g. foi Agostinho a luz de Africa, a luz da Európa. Esta figûra coincide com a que os Gregos *Homæoptoton*, ou *similiter cadens*.

E não se imagine, que a assonancia Rhetórica he como a Poetica; porque a prósa tem por assonancia a dissonancia nas consoantes, e vogaes; pois a sua harmonia consiste, em que as clausulas sejam de hum mesmo pezo de syllabas, v. g. Francisco foi espelho das virtudes, escada das perfeições.

Contençaõ, ou *Antithesis* he fazer luta de humas

mas cousas contrarias, v. g. Santo Ignacio fundou a milicia do Ceo contra a malicia do abismo.

Comutação he, quando a clausula, que afirma, se explica com outra clausula, que nega, mudando a ordem das palavras, v. g. pôz Deos a penna de Thomás para cutélo dos hereges, e não aos hereges para cutélo desta penna. Desta figûra usou Christo: *Sabbatum propter hominem factum est, non homo propter Sabbatum.*

FIGURAS DAS SENTENÇAS, ou clausulas.

Petição.

Abrupção.

Ficção.

Amplificação.

A Estas quatro se reduzem todas as demais. *Petição* he, quando se pergunta, ou se deseja, ou duvida alguma cousa, v. g. meu Deos, que farei eu para imitar a Theresa.

Ficção he, quando se finge a pessoa, ou acção; se se finge a pessoa, he *prosopopeya*, v. g. os mármores falaõ, as pédras gritaõ, os bronzes ensinaõ. Se se finge a acção, chama-se *preterição*. E esta figûra he, quando o Orador finge, que passa em silencio huma acção boa, ou má, sendo que a não deixa, v. g. passo em silencio a fortaleza de Theresa.

Abrupção se faz de tres modos, ou por diversaõ, ou por aversaõ, ou por correção. A primeira he parenthesis de muitas sentenças, e clausulas; e he como em hum caminho a pousada, aonde descança o passageiro para tornar ao caminho começado. A segunda he, a que chamaõ os Gregos *Apostrophe*, em que por digressão se fala com pessoas, ou com cousas inani-

inanimadas, v. g. dissei-me valles, soledades, qual foi a luz de *Bruno*, que achou em vós o seu eco. A terceira tem por officio emendar huma sentença com outra, que a declara com mais inergia, v. g. Agostinho foi não luz do entendimento, senão entendimento da mesma luz.

Amplificação se usa de tres modos; ou por exclamação, ou por suspensão, ou por licença. A exclamação ha de ser terna, e suave, se ha de mover a lagrimas: ha de ser impetuosa, e forte, se ha de mover a ter animo constante. E se póde fazer no fim da Oração com huma sumaria exclamação sobre o que está dito; e a isto chamaõ Epifonema os Gregos. A suspensão dá a entender, que huma cousa he mais, que aquillo, que se declara. V. g. se a mão de Deos, (aonde se achão todos os Santos, e todos os bens) já assiste a João, que será na morte, aonde foraõ mais as virtudes? Desta figûra usou Santo Agostinho: *Mundus te turbat, & amatur, quid faceres, si tranquillus esset.* A licença he huma figûra de reprehensão, ou louvor, que a usa mais que a Rhetórica a prudencia. V. gr. quando succede algum caso casual, no meyo da Oração se póde ponderar com prudencia. Estas são as principaes figûras do pulpito. Muitas mais ha, de que usão os Poetas, e Oradores Gregos.

Composição, que he parte da Elocução.

A *Composição* elocutiva consta de duas partes; a ordem, e numero; e ainda que *Aristoteles* na Rhetórica ad Alexandrum assine tres partes, a segunda se reduz á terceira. A ordem pede, que as cousas grandes se digão com estylo supremo, as medianas
com

com menos estylo. Seis circumstancias ha de atender o Orador das palavras.

A pessoa, que fala.

O lugar.

A materia.

A pessoa, que ouve.

O tempo.

A causa, o fim.

Segundo estas circumstancias se ha de variar a locução; porque diferente ha de ser o estylo de hum velho, que de hum moço; e diverso em quinta, ou festa feira de Paixão, que em dia de Páscoa.

Tambem pede a ordem das palavras quatro propriedades: *clareza*, para que se entenda; *brevidade*, para que não moleste; *probabilidade*, para que persuada; *propriedade*, para que seja clausula de vózes proprias, e significativas.

O numero da Oração he a consonancia, e harmonia suave de palavras bem peizadas, e medidas, para que a pronunciação seja sonora pela distribuição proporcionada das syllabas, como diz o Ecclesiastico cap. 21: *Verba sapientum sterá ponderantur.*

Advirto, que nem sempre se ha de usar de corrente suave, senão quando as clausulas pedem especial ornato pela grandeza do objecto. Seja em fim a Rhetórica; como pintura dos ouvidos, aonde se lanção as sombras, para que realcem mais as luzes, conforme a sentença de *Plinio Junior*: *Nec verò affectanda sunt semper clara: nam ut pictura lumen non alias res magis quam umbra commendat, ita in oratione tam submittere, quam attollere, decet.*

Da Memória.

O principal da memória he o dóte, que dá a natureza, porêm com a arte póde cobrar effatûra, e firmeza a sua fragilidade. Alguns livros ha da arte da memória, em que ainda que com muito trabalho se tira algum proveito; porêm o melhor livro da memória he a contextura, e consequencia dos conceitos, e palavras; porque esta fórma, e disposição he huma luz contra as sombras do esquecimento.

Algumas regras tem a arte para firmar as noticias, que se concebem. Primeira, depois de formado o Sermaõ, deve tirar o Orador em hum papel os pontos principaes da Oração, como principios dos discursos, e conceitos, para que senhoreando-se a memória destas fontes, e mananciaes, acuda com felicidade ás noticias, que se inferem.

Segunda. Deve formar-se a Oração com clareza, e boa ordem nos conceitos, encadeando uns com outros; porque quando com o fervor da lingua faltaõ as palavras, ou períodos, não falta com essa facilidade a ordem, que deu o entendimento aos conceitos objectivos; e assim a memória do Orador está na recta collocação dos discursos; porque deste modo, como o entendimento tem que morder, não deixa a memória só, antes a acompanha, para que póssa sobre seus hombros com a carga de varias noticias.

Terceira. He muito necessario, que quem tem curta memória, que he a natural retentiva, fórme de todo o Sermaõ (ainda que depois de bem sabido) huma recopilação muito summaria dos conceitos; v. gr. entrou pelo exordio, provou com tal lugar, depois com tal, &c.

A pronunciação consta de duas partes ; governo da vóz , e governo das acções ; porque ambas ao seu modo pronunciam , o que se diz aos ouvidos , e aos olhos , que são as duas potencias , que introduzem o affecto do Orador nos animos do Auditório. A vóz pede quatro propriedades. Ser

1 *Corregida.*

3 *Ornada.*

2 *Dilucida.*

4 *Apta.*

Corregida he a vóz , que não desentoe , nem cause aspereza ; deve observar-se o natural sonído da vóz , e este se ha de usar regular , e familiarmente. Não buscando tons postiços para a pronunciação dos vocábulos ; quem tiver a vóz débil , exclame poucas vezes ; porque a debilidade faz agro o tòm , quando se quer subir de ponto.

Quem a tiver delgada , argentina , e sonóra , já poderá exclamar ; porque os altos os tem suaves , e aprasiveis. A vóz corpolenta use sempre de hum brando tenôr familiar , quebrando alguma vez a vóz , para que seja gostosa de ouvir ; pois os altos , e baixos , quando não são desmedidos , aformoseão muito a familiaridade do tòm.

Dilucida he a vóz , que exprime os períodos , e palavras sem comer as syllabas ; porêm não haõ de ser com tal affectação , e pausa , que pareça o Orador Auditório. Sejaõ as pausas humas breves intercaden-
cias para tomar alento. A regra universal he guardar espaço na pronunciação dos assumptos , e na narra-
ção do Euangelho , e despenhar se com hum pressa expressiva , doce , e familiar , quando o discurso está na conclusão.

Ornada he a vóz, que se quebra em diversidade de tôns, os quaes adornaõ, e esmaltaõ, o que se diz; porque a vóz ha de ser facil de julgar-se, fléxivel, grande, sonóra, firme, duravel, e doce; mas nunca para adoçalla se deve falar melitluamente, porque tudo, o que agrada á natural suavidade, ofende a postíça pronunciaçaõ. E assim ha de ser.

Em cousas alegres *chêa, e sonóra.*

Em questões *intensa, e briosa.*

Em acariciar, satisfazer, e rogar *branda, humilde, e submissa.*

Em persuadir, prometer, e aconselhar *imperiosa, e grave.*

Em ameaçar *áspera, e activa.*

Em cousas de temor *encolhida, e fraca.-*

Em cousas de lastima *tenra, e alguma cousa obscura.*

Em histórias, e narrações *familiar, e nativa.*

Apta he a vóz, que se ajusta no tôm ao sentido do que se diz nos altos, baixos, e meynos. No Exordio ha de ser muy suave, e temperada a vóz sem muitos altos, nem baixos, para que não esteja cansada para prosseguir, o que resta do Sermaõ: na narração se ha de entrar com mais viveza: a divisaõ ha de ser proposta com muito espaço, para que possa ficar impressa no Auditório, e na confirmação ha de esforçar mais a vóz, ajustando o tôm á energia do conceito; e para mais clareza porei varios modos de temperar a vóz para subilla, e abaixalla, sem saltar á arte da Musica, que a Rhetórica serve de regra, para que as vózes do Orador não sejam desentoadas.

Thêma	<i>Ut.</i>
Narraçaõ	<i>Ré.</i>
Confirmaçaõ	<i>Mi.</i>
Exclamaçaõ	<i>Fá.</i>
Increpaçaõ	<i>Sol.</i>
Exhortaçaõ	<i>Sol.</i>
Admiraçaõ	<i>Lá.</i>
Epîlogo	<i>Ré.</i>

O Orador tem tres fins, mover, ensinar, e delectar. Este ultimo he o menor de todos; porque o Orador não deve cingir-se tanto ao gosto do Auditório, que gaste na pausa da representaçãõ o tempo: o fim principal he mover, e ensinar.

Para as acções he regra, que imaginariamente se ha de tomar hum semicirculo, cujo diâmetro ha de correr pela cintura, e cuja circumferencia pela cabeça. E dentro deste semicirculo se haõ d'elle formar com proporçaõ todas as acções, sem que subaõ da cabeça, nem baixem da cintura. Ter o corpo recto com gravidade, não levantar os braços hirtos, nem deixallos pendurar do pulpito, não mandar a mão esquerda sem correlaçãõ á direita.

Da Imitação.

A porção mais nobre do Orador he saber imitar ; porque a imitação he huma escola , donde sahem confirmados , os que não perdoão ao trabalho imitando. Forão celebres na antiguidade *Euripedes* , *Virgilio* , *Cicero* , *Plutarco* , *Aristoteles* , *Petrarcha* , e outros. Porém ha de se notar , que na imitação se haõ de eleger os Authores, com que se dá mais o engenho do Orador ; porque nem em toda a arvore fructífera qualquer flôr se gera.

F I N I S

Hujus operis ad concionandum utilissimi , & à magno Prædicatore confecti.



79-186

Libreria Minto
Madrid

29 Jan: 1979

CA745
R4723

